

104 Geisel comandava partido

O clima estava tenso em meados de 1978. O presidente Geisel chama o bruxo, general Golbery, e juntos começam a fazer a lista dos governadores a serem nomeados — a distensão era lenta e gradual. Eleições diretas para governos estaduais só viriam em 82.

Logo depois, Geisel e Golbery convocam o presidente da Arena, deputado Francelino Peirêira, e pedem que ele ajude nas articulações dos nomes.

O governo precisava de gente de confiança nos estados. Depois da derrota da Arena na eleição para o Senado em 74, qualquer deslize poderia ser fatal para a distensão de Geisel.

Ali já havia preocupação com a vitrine democrática. Os dois chefões do Planalto mandam o senador Petrônio Portella viajar pelos estados para escolher os melhores nomes. Era a missão Petrônio.

Fachada — “Era fachada, coisa para inglês ver. Enquanto Petrônio viajava, Golbery e Geisel escolhiam os nomes. Quando ele voltou, a lista estava a pronta e os escolhidos já eram conhecidos”, conta o ex-senador Jarbas Passarinho, que passou por todas as hierarquias da Arena.

Na lista dos governadores estavam: Antônio Carlos Magalhães escolhido para a Bahia, Francelino Pe-

reira, para Minas Gerais, e Antonio Mariz para a Paraíba. Sarney queria ir para o Maranhão, mas Geisel não gostava dele.

A antipatia vinha desde 1975, quando o senador Vitorino Freire, inimigo de Sarney no Maranhão, disparou: “Sarney era ladrão de cinzeiro de avião”, acusou Vitorino.

Passarinho também estava entre os escolhidos de Geisel e Golbery. Iria para o Pará, e o próprio Francelino já o havia sondado. Dormiu governador e acordou senador.

Marchezan — O presidente Geisel achou por bem manter Passarinho no Congresso para defender o governo dos ataques emedebistas que estavam por vir. Ficaram Passarinho no Senado e Marchezan na Câmara.

“Esse era o jeito de fazer política da Arena. Passava por cima da oposição, não negociava nada com ela. Era correia de transmissão do Executivo”, diz um deputado ex-Arena.

Preocupado com o destino do governo Fernando Henrique, o parlamentar completa: “A relação com o Executivo era fisiológica. Trocavam-se favores. Escolas e hospitais nas regiões dos deputados. Não tinha a relação de propina que existe hoje e foi bem aprendida por essa turma. Esse é o perigo para Fernando Henrique.”